

À Guisa de Introdução: Pesquisa sobre História da América Latina no Brasil

Maria Ligia Coelho Prado

Muito já se tem escrito sobre a questão do distanciamento entre o Brasil e os demais países da América Latina. Afirma-se a admiração dos brasileiros pela cultura da Europa (e mais recentemente pela dos EUA), em contrapartida a uma postura de desconhecimento ou até mesmo de desprezo com relação à outra América, a de colonização espanhola. Tal visão traz desdobramentos de diversas ordens e repercute na esfera da educação.

Dentro do quadro institucional universitário, observa-se que a área de História da América Latina ocupa um lugar secundário. Como se sabe, em nosso país, existe uma tradição estabelecida desde o século XIX no que se refere à pesquisa em História do Brasil, que tem sido fortemente realimentada. Não se pode afirmar o mesmo no que diz respeito à pesquisa sobre História da América Latina. É sintomático que o primeiro manual escolar de História da América só tenha sido publicado em 1900, como resultado de um concurso público, patrocinado pelo governo republicano, no qual se inscreveu um único concorrente, o vencedor, Rocha Pombo. Continuando “essa tradição”, raros são, no presente, os manuais de história da América Latina, já que tal disciplina não faz parte dos programas do ensino médio no Brasil.

Dessa maneira, quando o aluno chega à universidade, constata-se seu enorme desconhecimento sobre a história e a cultura da América Latina. Quem não é capaz de discorrer sobre a Revolução Francesa, mas quem (além dos especialistas) já leu algo sobre a Revolução Mexicana? Ainda me surpreendo ao notar que as editoras brasileiras publicam um livro com uma temática tão específica, como *Montaillou, Povoado Occitânico de 1294 a 1324* de LeRoy Ladurie, mas *Los Grandes Momentos del Indigenismo en México* de Luis Villoro, que trabalha questões tão mais próximas, permaneça ignorado do público brasileiro.

Passando para o plano mais específico das práticas de investigação, não resta dúvida de que a opção pela pesquisa em História da América Latina supõe problemas de ordem imediata que se traduzem em dificuldades maiores; é imprescindível uma viagem ao exterior para a coleta de fontes empíricas, não sendo fácil, também, o levantamento e o acesso à bibliografia sobre o tema a ser trabalhado.

Quero mencionar outro problema, este de ordem epistemológica. Muitas vezes identificam-se os estudos sobre a América Latina como sendo demasiadamente tradicionais ou ideológicos e imaginando-se – de forma totalmente equivocada – que novas abordagens, novos campos, novos objetos não se coadunam com a historiografia latino-americana. Isto se deve, em parte, ao fato de as gerações dos anos 60 e 70 terem se formado com base em um certo padrão de leituras sobre a América Latina. Naquele

momento, se elegeu a teoria da dependência como a grande explicação para se entender as realidades latino-americanas, concepção (hegemônica entre a intelectualidade de esquerda da época) divulgada por sociólogos, cientistas políticos e economistas. Pensada como um todo homogêneo, a América Latina, pobre e subdesenvolvida, era apresentada como vítima da exploração do colonialismo e posteriormente dos imperialismos britânico e norte-americano, propondo-se como solução para seus males a revolução socialista. Creio que esta foi, no período contemporâneo, uma primeira tradição elaborada na área de estudos latino-americanos, marcando até o presente uma certa maneira de ver a América Latina.

Essas leituras que carregavam forte apelo político-ideológico tiveram o poder tanto de atrair quanto de repelir prováveis interessados. É possível notar, nos anos subsequentes, uma nítida aproximação entre os acontecimentos políticos e as escolhas pelo estudo da América Latina. Nos anos da ditadura, as menções à história contemporânea latino-americana eram sempre entendidas como perigosas (o exemplo mais radical era a impossibilidade de se tocar em qualquer questão relativa à Cuba), dificultando ainda mais a pesquisa e a comunicação com o público. No começo dos anos 80, já com a ditadura em declínio e a “abertura” se iniciando, numa direção oposta à anterior, a vitória Sandinista despertou grande interesse entre os alunos que passaram a buscar conhecer a história da Nicarágua. O mesmo acontece hoje com a Frente Zapatista de Libertação Nacional de Chiapas, tendo à frente o carismático (e internauta) subcomandante Marcos.

Essas são algumas questões preliminares para se entender o baixo número de pesquisa – mestrados e doutorados – que tratam da história dos países de colonização espanhola na América. De todo modo, se tomarmos os últimos 30 anos, é possível notar avanços consideráveis. Aumentou o número de dissertações e teses defendidas, cresceram as publicações na área (tanto de autores brasileiros, quanto de estrangeiros), desenvolveram-se núcleos de pesquisa continuada com o engajamento de jovens pesquisadores. Até pouco tempo atrás, era regra geral encontrar nas universidades docentes que ensinavam História da América, mas não realizavam pesquisa no campo. No presente, encontram-se crescentemente professores/pesquisadores de História da América. Recentemente, aconteceram alguns concursos de seleção de docentes – como na UNESP campus de Assis, na UNESP campus de Franca, na UNISINOS – que exigiram como condição primeira de inscrição que o candidato fosse pesquisador na área.

Finalmente, creio que os Encontros da ANPHLAC têm demonstrado a trajetória ascendente dos estudos latino-americanos no Brasil. A Associação está cumprindo os objetivos propostos quando de sua fundação, quais sejam, estimular e divulgar as pesquisas na área, promover a troca de experiências entre os especialistas da área, incentivar contatos entre grupos de professores de diversas partes do país.

Se me permitem um depoimento pessoal, fazendo uma comparação entre 1975, quando iniciei a docência na disciplina de História da América Independente - praticamente autodidata, pois jamais tive aulas sobre o período independente - e a situação do presente, não posso deixar de assinalar um avanço em nossa área. Entretanto, o caminho à frente é ainda longo, dependendo, em grande parte, de nosso próprio esforço e dedicação.